

Apocalípticos e Integrados: A Cultura Italiana e as Comunicações de Massas

As reações dos apocalípticos e dos integrados. Então

Falar sobre *Apocalípticos e Integrados* e o modo como foi acolhido em 1964 é interessante precisamente porque, com este livro (apesar do estilo provocatório e de uma série de análises originais), o autor não pensava dizer nada de novo, mas sim fazer o ponto da situação de um debate já maduro. Um debate sobre o qual existiam tantos textos em todo o mundo (e basta percorrer as notas de pé de página, nas quais se remetia o leitor para estudos prestigiados já disponíveis em Itália) e que também no nosso país estava já a dar origem a uma série de iniciativas de investigação e de didática nos ambientes universitários mais avançados.

No entanto, este livro tem tido êxito e tem vindo a suscitar uma intensa série de polémicas (tal como a adoção da expressão «apocalípticos e integrados» como *slogan* corrente desde então) precisamente porque parece colher de surpresa uma faixa da cultura italiana.

O documento mais típico é, talvez, uma recensão de Pietro Citati (*Il giorno*, 14.10.64) intitulada «A Pavone e Superman de braço dado com Kant». Se o título é travesso, já o conteúdo é apreensivo: considera que o livro é espirituoso e inteligente, mas lamenta que «enquanto em toda a boa investigação científica a matéria estudada escolhe os seus próprios instrumentos, que se identificam perfeitamente com ela... Eco, quase como se quisesse fazer perdoar a humildade do seu tema, cita sem razão Husserl, Kant e Baltrušaitis». Esqueçamos a ideia de que os instrumentos de análise dum matéria se devem identificar com ela, como se um estudo de criminologia devesse proceder por facadas e Kant só pudesse ser usado quando se fala de filosofia (o que seria, aliás,

prestar-lhe um serviço algo humilhante): o facto é que o autor do artigo vê com muita desconfiança esta utilização dos instrumentos da Alta cultura para explicar e analisar a Baixa cultura. «Esta ampliação de horizontes revela um pressuposto evidente: todas as coisas são igualmente dignas de consideração, Platão e Elvis Presley pertencem do mesmo modo à História.» Com efeito, o pressuposto era evidente, mas não agradava a Citati, porque aquele lhe surgia como a coroação dos ideais secretos da cultura de massas: «Não sei se estes ideais correm o risco de se realizarem. Mas se isso vier a acontecer, daqui a poucos anos a maior parte dos intelectuais italianos produzirá filmes, canções e bandas desenhadas; os mais geniais insinuarão nas suas próprias poesias alguns versos de Celentano... ao passo que em todas as cátedras universitárias jovens docentes analisarão os fenómenos da cultura de massas... e talvez já todos nós estejamos a viver só para permitir estatísticas cada vez mais aperfeiçoadas, análises cada vez mais exaustivas ou denúncias furiosas.» O excerto era admiravelmente profético: hoje, treze anos depois, um número considerável de intelectuais italianos produz filmes e canções, os poetas compõem *collages* com os versos de Celentano, nas universidades abundam as teses sobre Banda Desenhada, e o excerto de Citati revela-se interessante apenas porque permite uma análise sobre a situação do intelectual italiano em 1964. Mas a análise será ainda mais exaustiva se considerarmos que o excerto, embora quisesse ser profético, era, inconscientemente, de crónica: de facto, já em 1964 Calvino e Fortini escreviam canções desde há muito, Pasolini e Robbe-Grillet faziam filmes, os poetas «Novissimi» compunham com fragmentos de linguagem massificada e na Faculdade de Magistério de Roma o saudoso Romano Calisi, encorajado pelo pedagogo Luigi Volpicelli, instituíra um arquivo nacional de Banda Desenhada.

O livro de Eco representava exatamente a tomada de consciência da nova situação: mas, como já dissemos, apanhava de surpresa os menos informados e suscitava uma série de artigos em jornais diários e semanários, que espantavam, alegre ou tristemente, com títulos como: «Mandrake entra na universidade» (*ABC*), «Da estética a Rita Pavone» (*Paese sera*), «De Joyce a Rita Pavone» (*Il punto*), «Também os quadradinhos têm o sangue azul» (*Oggi*), «Passaporte cultural para Mandrake e Rato Mickey» (*Lo specchio*), «Também o hully gully se torna “mensagem”» (*Il giorno*), «Felizmente existe Superman» (*Il Resto del Carlino*), «Os quadradinhos entram na universidade como disciplina de estudo obrigatório» (*La Gazzetta del Popolo*), e assim por diante.

Note-se que em quase todos estes artigos a expressão «quadrinhos» é sempre escrita entre aspas (não é ainda uma «boa» palavra na língua italiana) e note-se, sobretudo, que o que mais impressionava a imaginação do crítico era o facto de se estudarem as histórias aos quadrinhos; isto quando, na economia do livro, aqueles ocupavam menos de um quarto enquanto eram discutidos os problemas da televisão, da literatura pequeno-burguesa, da música gravada, do romance popular nos séculos passados.

Mas até mesmo o *Times Literary Supplement*, que intervinha sobre o livro com pontualidade exemplar, revelava o choque consentindo uma imagem de primeira página então verdadeiramente inusitada para aquela revista: um cão de banda desenhada, embora recopiado por Lichtenstein, a fazer «sniff, sniff, arrrrff!».

Naturalmente, nem todos os artigos eram provincianos como os seus títulos redatoriais; e apareciam outros com títulos mais «críticos» e meditados. Todos discutiam a oposição entre moralistas apocalípticos e otimistas integrados, mas alguns aprofundavam o problema das comunicações de massas numa perspectiva mais arrojadamente política.

Excluindo, por conseguinte, as reações meramente escandalizadas, podemos dividir os críticos entre conservadores amargurados e progressistas tensos. Dos conservadores amargurados pouco haveria a dizer, a sua reação até estava prevista no livro. Tratava-se mais, para ser conservador inteligente, de fazer sua a polémica contra os apocalípticos ingénuos e de tornar a propor, louvando o livro, uma posição apocalíptica mais esbatida. É o que faz A. G. Solari (considerado unanimemente o pseudónimo de Giose Rimaneli) em *Lo specchio* («Passaporte cultural para Mandrake e Rato Mickey», 6.9.64). O artigo faz uma leitura do livro com simpatia e argúcia cúmplice, e situa Eco entre os assertores da Razão: paradoxalmente, a acusação de iluminismo era, naqueles tempos, dura de suportar — à esquerda. Era, historicamente falando, uma acusação de direita, mas ainda não tinham aparecido as edições Rusconi a restaurar os clássicos da tradição anti-iluminista, e atacar em *Lo specchio* ultrapassando o autor à esquerda era uma bela jogada. Nesta condenação amável o autor revelava-se tal como era, um paladino das Vanguardas (fosse recordada *Obra Aberta*) que são evidentemente o outro rosto da cultura de massas. Pensando bem, era esta a posição do adornismo de então, que chegava de Frankfurt através da mediação conservadora de Elémire Zolla (um dos alvos polémicos de *Apocalípticos*) e que desta forma era assumido por muitos à esquerda. Coerente como de costume surgia, pelo contrário, Montale: pronto a enfrentar curioso a

novidade, pronto a declarar-se perturbado por ela, pessimista mas não dogmático. O título do seu comentário no *Corriere della Sera* (2.8.64) era «De bem a melhor»; concorda com o autor que os meios de comunicação de massas existem e que é preciso dominá-los e orientá-los para fins humanos. Mas quais são os fins do Homem? «Aqui navega-se no escuro.» Não dramatizemos, também se dizia que o telefone ia prejudicar a intimidade familiar e depois também o digerimos. Isto equivale a dizer que a vida é uma corrente que vai para onde vai e podemos muito bem integrar nela. Quanto ao resto velam, silenciosos e impopulares, os apocalípticos, conscientes da sua condição de contestatários «contra os meios e todavia dentro dos meios». Mas «provavelmente a guerra fria pró e contra os *mass media* daqui a algumas décadas parecerá sem sentido. Nenhuma revolução social mudará substancialmente o rosto técnico-mecânico do mundo».

É interessante, por outro lado, a reação de uma parte da cultura marxista que, precisamente naqueles anos, se abria a considerar mais atentamente estes fenómenos substituindo o adornismo dominante por uma atitude realista e analítica. Mario Spinella em *Rinascita* (3.10.64: «Apocalípticos e integrados») associava a polémica contra a cultura aristocrática às reflexões gramscianas e até fazia seu o ponto de partida do livro, ou seja, a polémica de Marx e Engels contra Bruno Bauer. Lamentava que Eco não tivesse dado espaço ao problema do âmbito socioeconómico dentro do qual se movimentam os meios de comunicação de massas, procurava explicar as razões pelas quais Eco privilegiava uma análise das estruturas textuais, chamava-lhe a atenção para o fundo histórico dos produtos analisados; todavia considerava este tipo de «estruturalismo» mais criticamente consciente dos seus próprios limites do que o de origem francesa e, por fim, avaliava o livro de Eco como «o melhor que se escreveu até agora sobre o assunto» também «pela tensão do seu discurso mais recente perante o marxismo». Em *Mondo Nuovo*, o semanário do PSIUP¹, Francesco Indovina afirmava que «só com contributos deste tipo... será possível levar a cabo uma ação coerente para transformar o fenómeno numa experiência crítica positiva das “massas”. A abordagem de Eco parece-nos importante por esta vontade de ligar as condições económicas, políticas e sociais do fenómeno à própria estrutura da mensagem de massas: se, com efeito, essa relação falta, parece-nos existir o risco de esvaziamento, deixando o campo livre aos *manipuladores*».

1 Partito Socialista Italiano di Unità Proletaria. (N. T.)

Com o título «Uma terra ainda virgem para os estudiosos italianos» Vittorio Spinazzola avaliava o livro em *Vie Nuove* (10.12.64). Apontava uma certa ocasionalidade nos critérios de recolha, lamentava-lhe as debilidades teóricas, a oscilação entre a pura descrição e a tentativa de captar as formidáveis implicações ideológicas e económicas destes problemas, mas em conclusão julgava-o como sendo uma obra pioneira em que autor assumia «audaciosamente os riscos que ela comporta».

Le ore libere, da ARCI², publicava em três números sucessivos um debate de vários tons em que participavam Rossana Rossanda, Luciano Paolicchi, Franco Fortini, Mario Spinella, Gianni Toti, Pietro A. Buttitta, Mino Argentieri, Walter Pedullà, Nanni Saba. Uns diziam «nem apocalípticos nem integrados», outros confessavam ter lido alguns álbuns de Gordon (mas tratava-se de «um daqueles pecados veniais que nem sequer se confessam») ou tomavam posições mais meditadas. Mas, ao fim e ao cabo, este debate era bastante representativo de toda a variedade de posições, teoricamente não homogéneas, típicas da esquerda marxista sobre o assunto; e mais significativo ainda era o facto de o tema ser discutido a fundo por tantos nomes representativos. Em *Avanti!* (3.10.64) Walter Pedullà definia Eco, na sua posição de terceira força entre apocalípticos e integrados, como um «realista que aceita o diálogo e faz concessões para não perder tudo. E o seu livro é uma espécie de esplêndido memorial de Yalta sobre a cultura de massas».

Entre os consensos será curioso registar um artigo de Oreste del Buono («Teorie serie su problemi frivoli», *La Settimana Incom*, 30.8.64)³ em que, numa das poucas críticas, Eco é contestado por ser «talvez um pouco benévolo demais» com Charlie Brown — severidade comprometedora para quem viria a dirigir a *Linus*, mas é precisamente esta a graça que têm estas revisitações de antigas recensões. De entre as nítidas dissensões, destacamos um artigo de Michele Rago em *Unità* (29.11.64: «Cultura di massa e cultura della massa»⁴) que aponta ao livro superficialidade e ocasionalidade, hábeis passes de prestidigitação polémica — embora se partilhe grande parte dos interesses de fundo; e um artigo muito irritado de Gianfranco Corsini (*Paese sera*, 19.9.64) o qual, já crítico arrebatado de *Obra Aberta*, agora censura Eco por ter tentado fundir aqui, apressadamente, os módulos daquele primeiro livro com os

2 Associazione Ricreativa Culturale Italiana. (N. T.)

3 Teorias sérias sobre problemas frívolos. (N. T.)

4 Cultura de massas e cultura das massas. (N. T.)